



Os gestaltistas rebelaram-se contra essa posição. Inverteram o problema. Diziam que basicamente deve-se cometer o “erro de estímulo” A primeira coisa que vemos é um pedaço de giz. E é realmente o que deve ser visto. Posteriormente é possível, em certos casos muito raros, mais exatamente ser psicólogo dos laboratórios de Leipzig ou de Cornell, ver pontos brancos. Os gestaltistas separavam, ou separam, a psicologia das outras ciências. A física, a química, a biologia tratavam de fenômenos que eram em primeiro lugar psicológicos. Um físico que mexe com um reostato, está realmente vendo algo em primeiro lugar psicológico; o microbiólogo que vê no microscópio uma lâmina de bacilos, está realmente vendo algo de psicológico; o químico que vê duas soluções reagirem num frasco, está realmente vendo algo de psicológico. Em segundo lugar, podem essas pessoas fazer ciência natural: a eletricidade, a bacteriologia, a reação química. Mas fundamentalmente, o ponto de partida é o psicológico. A psicologia vê o mundo tal qual ele é (Koffka, 1924).

É essa também a posição dos fenomenologistas. O eu vê objetos, exteriores ou interiores. Esses objetos estão contidos “intencionalmente” num ato mental. O eu se dirige para fora; tem uma intenção. Mas todas as vivências são vivências para o eu (Kockelmans, 1966).

Em 1904 o funcionalista Angell publicou um livro de texto no qual define a psicologia como a ciência da consciência do homem normal. Mas reconhece como importante outros campos aliados, como a psicologia da criança que se preocupa com processos mentais de bebês e crianças jovens, a psicologia anormal que estuda fases raras dos processos conscientes como alucinações, hipnotismo, e a psicologia animal que se interessa pela presença de consciência através da gama animal.

Quer se use a introspecção clássica como Wundt, quer se use a descrição fenomenológica como os fenomenólogos e os gestaltistas, a concepção básica desses autores é que o eu está diante de certos fatos e que estes fatos formam o assunto da psicologia.

Em 1913 John Broadus Watson lançou o manifesto behaviorista. Em vez de estudar a consciência, deve-se estudar o comportamento. Enuncia textualmente: “Para o behaviorista a psicologia é aquela divisão das ciências naturais que estuda o comportamento humano — os fatos e os ditos do ser humano, tanto aprendidos como não aprendidos. É o estudo daquilo que as pessoas fazem desde antes de seu nascimento até a morte” (Watson, 1929). E a consciência? “Se vocês afirmam que o behaviorista tem o direito de usar a consciência

da mesma maneira que os outros cientistas naturais a empregam — quer dizer, sem fazer da consciência um objeto especial de observação — vocês admitem tudo que minha tese requer” (Watson, 1913).

Realmente outros autores defenderam a mesma tese e um pouco antes: Piéron, Max Meyer. No entanto o artigo de 1913 de Watson, “A psicologia como visão de um behaviorista”, e seus inúmeros rebates da posição introspeccionista fizeram dele, na época, o grande defensor da escola “behaviorista”

Portanto, a psicologia precisa mudar. Deve estudar o comportamento. Os funcionalistas e os gestaltistas inclusive modificaram o objeto de estudo da psicologia: era agora o estudo da consciência e do comportamento. No entanto há psicólogos, hoje em dia, que acham que a psicologia deve estudar unicamente a consciência (Strasser, 1970).

Qual é então o objeto da psicologia? É o estudo da consciência, é uma ciência à parte das ciências naturais, ou é o estudo do comportamento, uma dentro das ciências naturais, ou ainda é ambas as coisas, isto é, uma psicologia-1 e uma psicologia-2? Essa questão central na psicologia, essa definição entre dois conceitos de psicologia que foram designados na época um *grande problema*, são realmente um *pseudoproblema*. Vejamos como.

## 2. O solipsismo

O meu mundo neste momento consta de uma sala retangular, de duas estantes, uma à direita e outra à esquerda, de uma parede lisa na frente. No teto há uma lâmpada. Ela não está acesa, já que é dia. Atrás de mim há uma janela que permite que a sala seja iluminada. Estou sentado diante de uma mesa. Nela encontram-se diversas folhas. Estou no momento com a caneta na mão escrevendo numa folha de papel. Espero que o que escrevo seja publicado e espero que diversas pessoas o lerão. Penso que haverá um momento em que lerão o que estou escrevendo agora. E penso que enquanto lerão, estarão pensando.

Mas será isto verdadeiro? Não poderia tratar-se de um sonho? Sonhei várias vezes que escrevia artigos. Não ocorreria também desta vez? Ou poderia tratar-se de uma ilusão. Acho que estou escrevendo um artigo, mas na realidade estou rabiscando folhas de papel que serão examinadas por um comitê de psiquiatras deste hospital no qual me encontro trancado. Ou talvez esteja escrevendo para estátuas ou para moinhos de vento como diria Cervantes.

No entanto, creio que estou escrevendo um artigo. Penso que será publicado. Penso que um dia vocês o lerão. Mas se isso ocorre é outra questão. O meu mundo é solipsístico. Apenas eu o conheço neste momento. Vivo encapsulado neste mundo.

Como posso sair? Como posso afirmar a realidade das coisas?

### 3. *A quebra do solipsismo*

Descartes (1647), que foi o primeiro a seguir os passos desta dúvida metódica, como ele a denominava, fala, a seguir, na perfeição de Deus para aceitar o mundo. Ele se considerava imperfeito. Mas ele pensava que Deus é infinitamente perfeito e infinitamente bom. Não poderia nunca enganá-lo. Como, ao mesmo tempo, ele vê o mundo fora de si, este mundo realmente existe, dada a infinita perfeição de Deus.

Locke (1690) oferece prova da existência de certas conformidades entre as sensações e as coisas do mundo externo. Idéias de certas sensações como a solidez, a extensão, a figura, o número, o movimento, o que ele denomina de qualidades primárias, apresentam semelhança com coisas do mundo real, do mundo de fora.

Köhler (1938) no livro "O lugar do valor num mundo de fatos" fala na memória que se liga a fatos presentes. E dentro destes fenômenos há um fato que se liga à realidade de alguma coisa, da realidade daquilo que ele chama de mundo transfenomênico. Ele se lembra da referência de um novo pintor, mas não se lembra do nome que ele tinha ouvido numa conversa. Ele diz: "Um momento." "Eu sei que eu conheço esse nome. No entanto, não sou capaz de lembrá-lo agora." Sei quem ele é, mas não me lembro no momento da maneira pela qual o nome se constitui. Bruscamente, o nome virá. Todos, diz Köhler, passaram por uma experiência semelhante. Eu pessoalmente passei por ela mais de uma vez. Todavia, a sensação de realidade não aparece apenas nestes casos, mas se mostra bem mais firme no exemplo simples da visão de uma sala com gente. Especialmente, no caso de eu querer me lembrar de um nome que me foge à memória, posso me enganar muito mais do que na visão de uma sala com pessoas que eu conheço.

Acho mais correta a posição de Hume (1777). Não posso afirmar com toda a certeza a realidade do mundo. Mas há nele coisas que se repetem e se repetem da mesma forma. Essa repetição deu lugar à causalidade e, em última instância, à ciência. Vejo os objetos caírem sempre para baixo. Vejo que o giz se desfaz quando o aperto contra a parede. Vejo os interruptores resultarem em luz quando os aperto. Acredito na ciência. Posso, portanto, quebrar o solipsismo e

achar que vocês que devem ler realmente existem. Decerto é uma hipótese. Mas julgo muito mais válido crer em vocês e na realidade do mundo do que ensimesmar-me num universo sem sentido.

#### 4. *O meu mundo em contraposição à ciência*

Posso escrever a ou falar com qualquer um de vocês. Vocês também podem me responder. No entanto, o que escrevo não corresponde a meu mundo interior. Vocês lêem a *descrição* mas nunca terão acesso ao que é descrito. Vocês terão uma cópia a mais sobre o meu mundo, por mais que eu me esforce em descrevê-lo bem. Além de falar ou escrever posso transmitir certos gestos com as mãos, com o rosto, com o corpo. Mas por mais que eu transmita, nunca será igual àquilo que eu penso. E a mesma coisa é válida para cada um de vocês. Por mais que vocês falem, por mais que vocês escrevam, por mais que vocês gesticulem, nunca saberei tudo o que vocês pensam.

Köhler publicou um artigo em 1966 onde diz: “Entre as partes diretamente acessíveis do mundo, as cenas *perceptivas* são acessíveis de modo particular. Começarei com elas. As cenas perceptivas são divididas em duas regiões. Uma contém os fatos perceptivos em volta do eu, como uma rua, as árvores, os automóveis e as outras pessoas. A outra contém o eu. Quando compreendemos neste sentido, o eu é apenas um *percepto* mais diretamente acessível” Posso concordar com o que Köhler escreveu ou posso discordar. Mas ele fará apenas uma descrição que ele pôs no papel, nunca o que ele realmente sentiu.

Posso escrever um tratado sobre o que penso agora. Posso também escrever um tratado sobre a maneira pela qual duas mil normalistas responderam a dez alocações com dezesseis escalas de sete pontos ladeados por antônimos. O segundo tema é mais válido pelo menos quanto ao número de sujeitos. Mas o primeiro poderá ser aceito na medida em que o que nele está escrito, também poderá ser escrito por outras pessoas.

Na ciência há portanto dois níveis, um nível de *observação* e um nível de *descrição*. O nível de *observação* é o nível que se passa comigo. Vejo um líquido cinza contido num cilindro que tem uma altura bem grande, possuindo riscos horizontais e números, e um diâmetro pequeníssimo, e vejo esse líquido subir. Sobe de uma região entre 20°C e 21°C e outra região entre 70°C e 71°C. Vejo um líquido azul celeste contido num frasco de forma cônica transparente e vejo um cilindro pequeno, que se afila numa das pontas e na outra contém um envoltório de borracha vermelha, e vejo nele um líquido amarelo e vejo, também, que quando aperto três vezes na parte

de borracha vermelha caem três gotas de líquido amarelo no líquido azul celeste e o resultado é um líquido transparente. Vejo, de outro lado, que o líquido azul celeste de forma cônica se transforma rapidamente numa cor transparente após receber as três gotas de líquido amarelo. Vejo uma substância esbranquiçada, que parece mole, indo de uma substância rígida a outra, ambas amareladas. Estes três exemplos, apesar de tudo, contêm apenas uma parte do que vejo. Mas na hora da descrição faço uma inferência. E essa inferência é feita ao falar ou ao escrever. Dizer que “a coluna do termômetro subiu de 20°C para 70°C ao passar num líquido” não descreve tudo o que se passou. Descreve apenas o que é inferido. Da mesma forma descrever a “reação química” não descreve tudo o que se passou. E ver “um ligamento entre dois ossos” não descreve tudo o que se passou.

A *ciência* existe fora do indivíduo. Ela é principalmente escrita. No entanto *aprender ciência* equivale a um indivíduo pôr-se em contato com essa ciência e ver nela tudo o que significa. Toda aprendizagem é minha. Ou pode ser sua. Cada pessoa tem modos diferentes de reagir. A ciência é uma entidade comum e daí não é entidade de ninguém.

A psicologia tem como um dos objetos ou como o objeto o homem. E esse homem fala. E se ele for educado na mesma região lingüística que eu, compreenderei o que ele fala. Seu comportamento verbal será igual a seu falar corriqueiramente. Portanto, posso pensar que o que ele diz corresponde a seu eu. É o que penso na conversa diária. Porém, mesmo nessa conversa diária, se eu pensar no que ele diz, não saberei tudo que ele sente. Ele põe em linguagem uma parte pequena do seu eu. E pôr em linguagem pode ou não pode corresponder a seu pensamento.

O homem adulto como ser pensante acha difícil ser outro objeto. No entanto tudo que ele pensa e posteriormente *põe em palavras* são comportamentos como os movimentos de uma ameba. A psicologia, ao contrário das outras ciências, é justamente aquela que lida com o homem adulto. inclusive pensando. E por isso é preciso separar entre a *observação científica* dos animais, entre os quais o homem, e o fato de *ser observado*. Ser observado é a mesma coisa que escrever este artigo. Este artigo será o produto de meu comportamento de escrever e poderá ser estudado em comparação com outros escritos meus anteriores ou com escritas de outras pessoas ou com atividades de meu membro superior direito, etc.

Devo distinguir entre *dados primários*, que compreende o comportamento presente, e *dados secundários*, que é tudo o que se pode

inferir a partir dos primários. Wundt, Titchener Köhler, Husserl falaram ou escreveram a respeito de si mesmos ou a respeito de outras pessoas que introspeccionavam. Seu dado primário é no entanto tão comportamental quanto o de Watson ou Skinner. Seu dado secundário é o que a língua convencionou. Se Wundt diz que um sujeito vê uma cor vermelha, isto quer dizer que o sujeito disse “é vermelho” e esse dizer corresponde ao que outros sujeitos chamam com a mesma palavra “vermelho” Também corresponde ao que ele chama de “vermelho” Mas não se pode afirmar com certeza que Wundt e seus vários sujeitos queriam significar a mesma coisa.

Qualquer observação, seja a chamada introspectiva seja a chamada behaviorista, será sempre, para o observador, um dado primário. Mas, de outro lado, será conhecida por nós porque ela se transformou num dado secundário. Ainda que para nós o dado secundário é de novo transformado em dado primário. *O dado secundário é a ponte entre os seres humanos.*

Descartes poderia ter feito esta divisão. Não o fez, entretanto. Depois dos passos da dúvida metódica, concentra-se, no eu, mais exatamente, no *cogito*: “penso, logo existo” É a sua alma, a sua substância pensante. Depois de falar num Deus infinitamente perfeito, ele aceita o mundo exterior, a substância extensa. Esse mundo era constituído de matéria infinitamente divisível e de movimento. Entre as várias combinações de matéria, há também os animais e o homem. O corpo de homem funciona com os mesmos elementos do mundo: partículas de diversos tamanhos e velocidades, em movimentos, uma estrutura anatômica própria a modificar a trajetória desses movimentos e orifícios em diversos órgãos que agem como peneiras deixando-se atravessar por partículas pequenas. Essa a maneira pela qual funciona o sistema nervoso central. No homem há uma pequena glândula, a epífise, onde coloca as relações entre o corpo e a alma. Ela se move sob ação externa, são as percepções, e também pode mover-se sob ação da alma, são as vontades (Descartes, 1647, 1664; Engelmann, 1964).

Essa alma que atua na epífise seria a mesma alma que colocou como ponto de partida de todo o sistema científico. É a mesma alma que, desembaraçando-se de impressões falsas e aderindo apenas a idéias claras e distintas, concluiu que havia uma substância dotada do atributo de extensão e uma substância dotada do atributo do pensamento. Esse é um erro de Descartes. A alma que pensa não é mesma substância que a alma que ele colocou no corpo. Essa segunda alma é apenas uma inferência. Pode ser, ou mais exatamente, deve ser que

Descartes quis colocá-la no sistema nervoso. Mas trata-se de uma hipótese, não um fato.

Pode-se portanto distinguir entre a alma que me dá os dados primários e a alma que colocou na epífise, segundo Descartes, ou entre a consciência da psicologia 1 e a consciência da psicologia 2. Para facilitar chamaremos a primeira de *consciência 1* concebível somente por mim — e, evidentemente por cada um de vocês — e a segunda, que se pode inferir, de *consciência 2*. A consciência 2 neste caso será uma possível inferência. Pode ocorrer ou pode não ocorrer.

Max Meyer (1921), um behaviorista não watsoniano, publicou um livro que denominou a “Psicologia do outro” Nele vê a psicologia estudando apenas os dados públicos. Escrevi em 1968 um artigo no qual falei exatamente a mesma coisa (Engelmann, 1969). O experimentador vê uma situação na qual se encontra o sujeito. Falei, também, em situações nas quais o sujeito era o próprio experimentador. Citei os estudos de Ebbinghaus sobre a memória no qual o Ebbinghaus-experimentador era diferente do Ebbinghaus-sujeito em questão de tempo. Planejava as sílabas sem sentido e as etapas da pesquisa, no primeiro sentido, e decorava as listas apresentadas pelo experimentador e as reproduzia, no segundo sentido. Mas não falei em situações nas quais o experimentador escreve ou fala. Nesse caso a escrita ou a fala são tanto do domínio público quanto a escrita ou a fala de outros sujeitos. Mais exatamente, no momento estou escrevendo e este escrever é do domínio público. Basicamente, todos nós vivemos encapsulados em nosso mundo. Mas a nossa fala e, de modo mais importante, a nossa escrita são do domínio público.

Max Planck (1941) colocou no livro “Aonde vai a ciência?” dois teoremas: (1) Há um mundo real externo que existe independentemente de nosso ato de conhecimento. (2) Esse mundo real externo não é diretamente conhecível. Também a psicologia nunca poderá ser conhecida. E ainda que Köhler, o discípulo de Max Planck, tente provar que se pode conhecer a realidade, embora não física, pensamos juntamente com Planck que esse mundo real externo não é diretamente conhecível, seja em termos de física, seja em termos de biologia, seja em termos de psicologia.

Pergutaram-me um dia se o conhecimento do sistema nervoso fosse absolutamente perfeito, o homem que observa o seu mundo solipsístico, poderia percebê-lo no outro — o mundo solipsístico do outro (Menandro, 1975). Nesse estágio estaria realmente superada a distinção de que eu falava. Seria um avanço muito grande da fisiologia, um avanço não somente enorme mas mais do que enorme. Aceitando-se esse avanço, não haveria mais distinção na psicologia ou, mais ampla-



mente, na biologia. Mas no entanto, epistemologicamente, continua a existir uma diferença. De um lado, o seu mundo solipsístico no presente momento é indubitável. De outro lado, o mundo solipsístico da outra pessoa seria inferível, seria conhecido em segundo nível. E nesse segundo nível, seria uma hipótese. Como o meu mundo solipsístico para os outros, e para mim uma continuidade do tempo, seria uma hipótese, ainda mais válida do que meu eu no presente momento. Mas seria menos indubitável.

### 5 *Diferenças de posição no comportamento verbal*

O homem fala. Fala em seu bate-papo, fala em seus afazeres rotineiros, fala em conferências. Ele também escreve. Escreve cartas familiares, escreve romances, escreve críticas literárias, escreve filosofia, escreve psicologia. Para o observador de seu comportamento, falar e escrever é apenas parte de seu comportamento total. Posso escrever o que ele diz. E posso pensar que isso corresponde ao que se passou com ele. Mas é apenas uma hipótese.

Em segundo lugar, ele pode dizer uma mentira. Para mim não há verdades e mentiras no que ele fala. Só há verdades e mentiras no que eu falo. No caso dele há uma correspondência ou não entre o que ele fala e o que está por detrás disto.

Em terceiro lugar, ele pode falar uma verdade em correspondência com o que está detrás mas essa verdade capta uma outra verdade que não está detrás na consciência-2 mas assim mesmo está detrás. Falar-se-ia em inconsciente segundo Freud. Os pacientes dos psicanalistas falam e os seus analistas interpretam dando geralmente não o que o paciente disse mas outro fenômeno completamente diverso.

Em quarto lugar, o homem pode falar numa linguagem que eu desconheço. Preciso de uma pessoa faladora desta língua e também de português que possa me traduzir essas palavras.

Em quinto lugar, ele pode dizer coisas que ninguém compreende, “claprutznifi” por exemplo. Ante esses sons não saberei dizer se ele está me gozando ou está criando ou criou um neologismo que só ele entende. Devo conhecer outros comportamentos seus para me pronunciar a respeito.

Essas cinco situações são do homem adulto. Seria também da criança? Por exemplo, ouço uma criança de um ano e meio. Ela vai falar uma série de palavras que conheço. Ao ouvi-las, posso inferir alguns fatos sobre o que se chama de “motivação” Mas não posso dizer nada sobre a correspondência corriqueira entre essas palavras

soltas e o que se passa por trás. Se agora ouço um bebê de seis meses, a fala simplesmente não existe. Ele pode pronunciar vogais, mas para mim essas vogais não transmitem nada. E no entanto ele é um homem, ainda que muito pequeno. Não há nenhuma metamorfose entre a fase de bebê e a fase de adulto. Essa é uma razão pela qual vários psicólogos supõem no bebê fatos que eles inferem da fala de adultos.

Agora, suponhamos que esteja diante de um chimpanzé. A semelhança com o homem é bastante grande. Se conviver com ele um tempo suficiente, posso ver as contrações de seu rosto que facilmente se comparam com as do homem. No entanto, ele não fala. É apenas o homem, dentre a gama de animais, que fala. Talvez seja mais fácil inverter o problema.

Vamos estudar o comportamento. Todos os animais se comportam. Vamos não apenas vê-los mas também ouvi-los. Há vários animais que produzem sons. As moscas zumbem, os sapos coaxam, os pombos arrulham, os gatos miam. Por que não se pode estudar o homem como um animal, que ele, aliás, é, que entre outras coisas produz sons? Esses sons, quando articulados por pessoas criadas no mesmo ambiente lingüístico que eu, tornam-se compreensíveis. A compreensão pode ser base da minha inferência, mas pode também não sê-lo.

Em resumo pode-se ver o psicólogo como um estudioso do comportamento dos animais. Entre esses animais está o homem. Quando ele for adulto e se ele compartilhar da mesma comunidade lingüística que do psicólogo, ele pode falar uma língua que o psicólogo conhece. Basicamente ambos exercitaram-se na mesma convenção lingüística. E, atualmente, ambos falam mais ou menos o mesmo idioma. Digo mais ou menos já que cada um o aprendeu de forma algo diferente. E podem comunicar-se através dessa língua comum.

Há portanto duas abordagens ao comportamento verbal. De um lado pode-se considerá-lo como uma coisa desconhecida. Deve-se aprender novamente a língua. Quer-se conhecer a natureza de sua origem. De outro lado pode-se compreendê-lo desde o início. É conhecido do sujeito e conhecido do observador. O que é desconhecido é a origem da língua. São apenas duas posições teóricas.

## 6. *O que está por trás do comportamento presente*

Todo comportamento ocorre sempre no presente. Posso, como no caso da aprendizagem, falar num trecho de tempo. Mas esse trecho de tempo será feito a partir de dados que serão dados presentes. Evidentemente o dado presente é apenas um momento do comportamento. O

que interessa ao psicólogo é o que se encontra por trás do dado presente, ainda que muitas vezes se refira a comportamentos passados. Mas comportamentos passados são tão inferidos quanto o pensamento. E comportamento passado é aquele que não se encontra no presente, tendo ocorrido há meses, dias, horas, minutos ou, até, um segundo.

A psicologia *observa* o comportamento presente. A psicologia *fala* a respeito do que está por trás desse comportamento presente. Utilizando um termo de Hull (1943), podemos denominá-lo de *organismo*. Toda psicologia lida com dois ou, no máximo, com três fenômenos: (a) comportamento presente, às vezes (b) estimulação presente e (c) organismo (Woodworth e Schlosberg, 1954).

O comportamento presente pode ser mais molecular ou mais molar. A salivação de um cachorro seria a mais molecular de todas, a resposta de Pavlov. Um pouco mais molares seriam as diferentes maneiras de acordo com as quais gatos presos aprendem a sair da caixa de acordo com Guthrie e Horton. Bem mais molares seriam comportamentos de acordo com Tolman e Skinner. O rato pode bater na barra com a pata dianteira direita, com a pata dianteira esquerda, com a cauda. Pouco importa. O importante é que bateu uma vez, como no condicionamento operante. No comportamento oral do homem adulto falador da mesma língua que o psicólogo também se pode ver uma abordagem mais molecular — os espectrogramas das vogais e consoantes — e uma mais molar — o relato verbal.

A *estimulação presente* pode ser conhecida, como em Hull e Tolman, ou desconhecida. Pode ser mais proximal, como em Wundt e Gibson, ou mais distal, como em Brunswik.

O *organismo* é, como o comportamento presente e a estimulação presente, uma entidade científica. Nela cabe mais ou menos fatos. Mas o substrato é da ciência e não do animal. Skinner (1974) fala em caixa preta. No entanto se pensarmos na nossa divisão entre comportamento presente, estimulação presente e organismo e se entendermos como comportamentos as respostas atuais, as respostas passadas caberão fatalmente no organismo. A resposta presente será condicionada conforme o comportamento passado.

Alguns falam em variáveis intervenientes, o que está entre a estimulação e o comportamento. Outros pensam em constructos hipotéticos. Teriam algo a mais, uma entidade, um processo, um evento, que não se encontra nas variáveis intervenientes. Outros preferem os modelos. Há os que apresentam eventos semelhantes aos que aparecem no comportamento de falar. São basicamente ocorrências dentro do organismo.

## 7 O grande problema se torna um pseudoproblema

A questão central na psicologia era saber se o seu objeto de estudo era a consciência ou o comportamento. Vimos que esta colocação era enganosa. A psicologia, como outras ciências naturais, tem como situação básica a distinção entre *eu* e *mundo presente*. O eu apresenta como constante a representação do mundo presente geralmente formado de partes. Essas partes poderão ser representadas a um eu. Entretanto, a psicologia, novamente como as outras ciências naturais, busca constantes que vão por trás do mundo presente.

Portanto, (1) *tudo o que se observa nos animais, humanos ou não humanos, é seu comportamento momentâneo*. Mas, (2) *toda psicologia, como ciência, refere-se a algo que está por trás do comportamento momentâneo*. O grande problema é um pseudoproblema.

Segundo essa concepção, a totalidade das diferentes psicologias buscam basicamente a mesma coisa. Diferenças há. Mas refere-se à quantidade de hipóteses por trás do comportamento. Conseqüentemente Wundt, Pavlov, Freud, Lorenz, Dilthey, Hull, Jaspers, Watson, Titchener, Bechterev, Jung, Tolman, Adler, Sechenov, Merleau-Ponty, Hebb, Rogers, Guthrie, Glasser, Osgood, Perls, Hinde, Köhler, Stevens, Chomsky, Brunswik, Lewin, Mowrer, Piaget, Wolpe, Sartre, Helson, George Miller, Neal Miller, Husserl, Skinner, entre outros, referiam-se à mesma coisa. Os skinnerianos e os fenomenologistas são as duas pontas de um contínuo, contínuo caracterizado pelo número de hipóteses.

Universidade de São Paulo

### BIBLIOGRAFIA

- ANGELL, J. R. *Psychology*. New York: Henry Holt, 1904.
- BORING, E. G. The stimulus-error. *American Journal of Psychology*, 1921, 32, 449-471. (Reimpresso em R. I. Watson e D. I. Campbell, (orgs.), *E. G. Boring. History, Psychology, and Science: Selected Papers*. Wiley, 1963, pp. 255-273).
- DESCARTES, R. *Les Méditations Métaphysiques*. Trad. francesa do original latim (1642), Paris: Veuve Camusat e Pierre Le Petit, 1647. (Reimpresso em R. Descartes, *Oeuvres Philosophiques et Morales*. Paris: Bibliothèque des Lettres, 1948, pp. 58-322).
- DESCARTES, R. *Traité de l'Homme*. Paris: Théodore Girard ou Charles Argot, 1664. (Reimpresso por Léopold Cerf, 1909).
- ENGELMANN, A. Descartes e a psicologia científica. *Jornal Brasileiro de Psicologia*, 1964, 1 (2), 13-35.

- ENGELMANN, A. — Dos relatos verbais. *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, 1969, 15, 137-157.
- HULL, C. L. — *Principles of Behavior*. New York: Appleton-Century — Crofts, 1943.
- HUME, D. *An Inquiry Concerning Human Understanding*. London: Cadell, 1777. (Reimpresso por Indianapolis: Liberal Arts Press, 1955.)
- KOCKELMANS, J. J. — Some fundamental themes of Husserl's phenomenology, Em J. J. Kockelmans, *Phenomenology and Physical Science*. Tradução inglesa do original holandês, Pittsburgh, Pennsylvania: Duquesne University Press, 1966. (Reimpresso em J. J. Kockelmans (org.) *Phenomenology*. Garden City, New York: Doubleday, 1967.)
- KOFFKA, K. — Introspection and the method of psychology. *British Journal of Psèchology*, 1924, 15, 149-161.
- KOHLER, W. *The Place of Value in a World of Facts*. New Yory: Liveright, 1938.
- KOHLER, W. — A task for philosophers. Em P. K. Feyerabend e G. Maxwell (orgs.), *Mind, Matter, and Method*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1966. (Reimpresso em M. Henle, *The Selected Papers of Wolfgang Köhler*. New York: Liveright, 1971).
- KÜLPE, O. — *Outlines of Psychology*. Trad. inglesa do original alemão. London: Swan Sonnenschein, 1895. (Reimpresso por New York: Arno Press, 1973).
- LOCKE, J. — *An Essay Concerning Human Understanding*. London: Eliz. Holt, for Thomas Basset, 1690. (Reimpresso em E. A. Burt (org.), *The English Philosophers from Bacon to Mill*. New York: Modern Library, 1939).
- MENANDRO, P. R. M. — Comunicação pessoal, 1975.
- MEYER, M. F. — *Psychology of the Other-One*. Columbia, Missouri: Missouri Book Co., 1921.
- PLANCK, M. — *Adonde va la ciencia?* Tradução espanhola do original alemão. Buenos Aires: Losada, 1941.
- SKINNER, B. F. — *About Behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf, 1974.
- STRASSER, S. — Feeling as basis of knowing and recognizing the other as an ego. Em M. B. Arnold, *Feelings and Emotions*. New York: Academic Press, 1970. Cap. 20.
- TITCHENER, E. B. — *Systematic Psychology: Prolegomena*. New York: Macmillan, 1929. (Reimpresso por Ithaca, New Yory: 1972.)
- WATSON, J. B. — Psychology as a behaviorist views it. *Psychological Review*, 1913, 20, 158-177.
- WATSON, J. B. — *Psychology from the Standpoint of a Behaviorist*. 3.<sup>a</sup> ed. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1929.
- WOODWORTH, R. S. e SCHLOSBERG, H. — *Experimental Psychology*. 2.<sup>a</sup> ed. New York: Henry Holt, 1954.
- WUNDT, W. — *Grundriss der Psychologie*. 7.<sup>a</sup> ed. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1905.